



Agentes quilombolas em curso: turismo comunitário e promoção da igualdade racial

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
LUCIANA ALAÍDE ALVES SANTANA

Quilombola agents in training: community
tourism and promotion of racial equality

**Quilombola agents in training:
community tourism and promotion
of racial equality**

PALAVRAS-CHAVE
TURISMO
COMUNITÁRIO.
COMUNIDADES
QUILOMBOLAS.
EDUCAÇÃO POPULAR.
IGUALDADE RACIAL.

RESUMO O turismo de base comunitária tem sido reconhecido como estratégia de valorização cultural, fortalecimento territorial e geração de renda em comunidades tradicionais. Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a realização de um curso de formação voltado ao desenvolvimento de iniciativas de turismo comunitário em um território quilombola, no contexto de um projeto de extensão universitária. A formação contou com carga horária total de 200 horas e envolveu 30 participantes provenientes de um complexo de cinco comunidades quilombolas no estado do Rio de Janeiro, entre moradores e agentes locais interessados no desenvolvimento territorial. As atividades foram orientadas pelos princípios da educação popular e incluíram momentos formativos, rodas de diálogo e construção coletiva sobre o potencial turístico do território. Como resultados, destacam-se o fortalecimento do diálogo entre universidade e comunidade, a identificação de potencialidades culturais e ambientais para o turismo comunitário e a elaboração coletiva de propostas iniciais para organização de experiências turísticas no território. A experiência evidenciou que processos formativos participativos podem contribuir para a valorização dos saberes locais e para o fortalecimento de estratégias comunitárias de turismo em territórios quilombolas.

KEYWORDS
COMMUNITY-BASED
TOURISM.
QUILOMBO
COMMUNITIES.
POPULAR EDUCATION.
RACIAL EQUALITY.

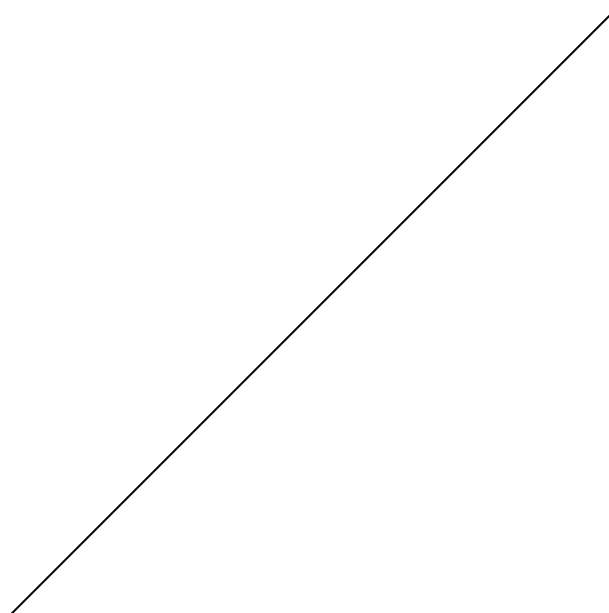
ABSTRACT Community-based tourism has been recognized as a strategy for cultural valorization, territorial strengthening, and income generation in traditional communities. This article presents an experience report on the implementation of a training course aimed at developing community-based tourism initiatives in a quilombola territory, within the context of a university extension project. The course had a total workload of 200 hours and involved 30 participants from a complex of five quilombola communities in the state of Rio de Janeiro, including residents and local actors interested in territorial development. The activities were guided by the principles of popular education and included training sessions, dialogue circles, and collective reflection on the tourism potential of the territory. The results highlight the strengthening of dialogue between the university and the community, the identification of cultural and environmental potentialities for community-based tourism, and the collective development of initial proposals for organizing tourism experiences in the territory. The experience indicates that participatory training processes can contribute to the recognition of local knowledge and to the strengthening of community-based tourism strategies in quilombola territories.

¹ O Ministério da Igualdade Racial foi o financiador do projeto que possibilitou o desenvolvimento do Curso de Formação de Agentes de Promoção da Igualdade Racial com foco em Turismo Étnico Quilombola e Cigano.

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
Graduando do Bacharelado
Interdisciplinar em Saúde pela
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia (UFRB).
E-mail: josealmeida@aluno.ufrb.edu.br

FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
Mestre em Saúde da População Negra e
Professora Adjunta pela Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: flaviasilva@ufrb.edu.b

LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA
Doutora em Ciências da Educação pela
Universidade do Minho – Portugal,
Professora Adjunta da Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia(UFRB).
E-mail: lualaide@ufrb.edu.br



INTRODUÇÃO O turismo de base comunitária tem ganhado notoriedade como alternativa à mercantilização global do turismo. No campo acadêmico, é discutido como estratégia de desenvolvimento territorial que articula geração de renda, valorização cultural e participação local. Diferentemente de modelos convencionais de turismo, centrados em grandes empreendimentos e na lógica de mercado, essa abordagem prioriza a autonomia das comunidades, a preservação dos modos de vida e o uso sustentável dos recursos locais (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009; Boing, 2025).

Nesse sentido, o turismo comunitário favorece a coesão social e a valorização cultural, promovendo qualidade de vida e desenvolvimento local sustentável (Irving, 2009). Nos quilombos, Silva (2014) enfatiza que tanto a organização, quanto a culturalidade e os saberes se configuram como um espaço capaz de despertar curiosidade, atraindo visitantes interessados em experiências diferentes das provenientes do turismo

massivo tradicional.

As comunidades quilombolas são territórios historicamente marcados por resistência, preservação cultural e luta por direitos, fundamentais para compreender desigualdades raciais e territoriais no Brasil (Almeida, 2019; Pereira; Magalhães, 2023). Estudos têm evidenciado que, apesar dos avanços institucionais nas políticas de reconhecimento e titulação de territórios quilombolas, essas comunidades continuam enfrentando desafios estruturais relacionados ao acesso a direitos sociais, infraestrutura e oportunidades de desenvolvimento econômico (Almeida, 2019; Arruti, 2006; Leite, 2008).

Pensando nestes aspectos e considerando as potencialidades desta modalidade de turismo em incentivar o protagonismo comunitário, preservar o patrimônio cultural e ambiental, e construir uma economia mais justa e solidária, nasceu em 2024 o “Curso de Formação de Agentes de Promoção da Igualdade Racial com foco em Turismo Étnico Quilombola e Cigano” sob a coordenação do Observatório Nacional de Inclusão e Diversidade na Educação (DIVERSIFICA) em parceria com o Ministério da Igualdade Racial (MIR) e associado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A iniciativa propôs formar lideranças comunitárias quilombolas e ciganas em diferentes estados brasileiros, com foco no turismo comunitário e na promoção da igualdade racial.

O público-alvo abrangeu cinco comunidades do Complexo Quilombola de Machadinho, em Quissamã (RJ), certificadas pela Fundação Palmares, com forte identidade cultural e atuação pontual no turismo local. Considerando tais aspectos, a proposta do curso buscou ensinar a criação de experiências turísticas, enquanto fortalece a identidade local e gera oportunidades de renda para os moradores.

Por fim, este relato tem por objetivo compartilhar os aprendizados, desafios e potencialidades desse projeto de caráter extensionista, considerando o papel dos mediadores do curso no estímulo ao protagonismo comunitário, bem como os possíveis desdobramentos da consolidação de uma rede de agentes locais comprometidos na construção de roteiros turísticos sustentáveis.

METODOLOGIA A experiência aconteceu entre os meses de setembro de 2024 e abril de 2025 e a metodologia adotada no curso foi fundamentada em princípios da educação popular, da valorização dos saberes comunitários e da pedagogia do diálogo (Freire, 2016). Na educação popular, os participantes deixam de ser entendidos apenas como receptores de conhecimento e passam a assumir papel ativo na produção e na circulação de saberes, contribuindo para processos formativos mais críticos e emancipatórios (Freire, 2016; Gadotti, 2017).

A estrutura deste curso de 200h foi organizada em quatro trilhas de aprendizagem – “Nossos Direitos”, “Nossa Comunidade”, “Turismo Comunitário” e “Roteirização Turística” – que funcionaram como percursos formativos flexíveis, estimulando o protagonismo e a autonomia dos(as) participantes.

A proposta metodológica combinou momentos síncronos e assíncronos, atividades virtuais remotas e momentos presenciais, que incluíram uma oficina de encerramento do curso. As atividades síncronas foram compostas por encontros virtuais realizados por meio da Plataforma RNP, em que se utilizaram metodologias participativas, como rodas de

conversa, debates temáticos, atividades reflexivas e dinâmicas em grupo. Nas atividades assíncronas, realizadas por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFRB (AVA-UFRB), os cursistas tiveram acesso a ainda mais materiais pedagógicos complementares, como vídeos, textos, áudios e atividades avaliativas.

A mediação de todo o processo formativo foi realizada por uma equipe composta por um estudante de graduação, responsável pela condução dos encontros síncronos remotos e pela organização das atividades assíncronas. Além de um educador popular, representante de uma das comunidades contempladas, responsável pela organização e condução dos encontros e atividades presenciais, bem como uma docente da UFRB, na coordenação metodológica e pedagógica de todo o processo formativo. Além desta equipe, uma coordenação interdisciplinar acompanhou todo o projeto, colaborando com todas as turmas envolvidas.

Os instrumentos de registro e avaliação do curso abrangeram fotografias e listas de presença dos encontros, além de um relatório descritivo sobre o processo formativo, gravações de alguns encontros remotos e a participação dos cursistas nas atividades propostas. O produto final do curso, um dossiê de turismo das comunidades envolvidas, reuniu todos os conhecimentos abordados ao longo de todas as trilhas formativas do curso e sintetizou em um documento, os principais aspectos que permeiam o desenvolvimento do turismo comunitário nas comunidades participantes, esboçando alguns roteiros turísticos viáveis para serem implementados.

A realização das atividades ocorreu no âmbito de um projeto de extensão universitária, alcançando 30 cursistas das comunidades do complexo. O relato foi construído, sem coleta sistemática de dados, preservando a identidade dos participantes e não apresentando informações sensíveis ou identificáveis. O trabalho não se caracteriza como pesquisa envolvendo seres humanos, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES A análise da experiência formativa evidenciou três dimensões centrais: (1) as dinâmicas de participação e engajamento comunitário; (2) a construção coletiva de conhecimentos sobre o território e suas potencialidades turísticas; e (3) os desafios estruturais que atravessaram a implementação da formação.

➊ ENGAJAMENTO E DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

No que se refere à participação e ao engajamento dos cursistas, foi possível observar que, embora a turma apresentasse uma participação expressiva nas atividades, poucos cursistas se sentiam confortáveis para contribuir oralmente durante os momentos de debate, especialmente nos encontros virtuais.

A presença e a participação oral foi mais intensa principalmente durante os momentos presenciais, nos quais os cursistas se mostraram mais à vontade para dialogar, interagir e compartilhar saberes. Esses momentos evidenciaram a importância da interação direta em processos formativos desenvolvidos em contextos comunitários. Esse tipo de dinâmica dialoga com a educação popular e as metodologias participativas, uma vez que, em contextos de formação para territórios tradicionais, o fortalecimento de espaços coletivos de diálogo tende a favorecer

2
Segundo o "Infográfico de Femicídios na Bahia 2025", organizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em parceria com a Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA).

a construção de vínculos e o reconhecimento das potencialidades locais (Freire, 2016; Demo, 2011).

➊ CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTOS E VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

No que diz respeito à construção coletiva de conhecimentos, as atividades do curso possibilitaram o reconhecimento e a sistematização de diversos elementos do território com potencial turístico. Ao longo da formação, os cursistas realizaram levantamentos de atrativos culturais, históricos e naturais presentes nas comunidades, além de produzir materiais audiovisuais e propostas de roteiros turísticos. Esses materiais e todas as informações pertinentes foram reunidos no produto final do curso, um dossiê de turismo comunitário elaborado coletivamente.

Os feedbacks coletados junto aos cursistas apontam que a formação teve um papel relevante na promoção do diálogo entre os membros das comunidades, estimulando o planejamento conjunto de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável. Diversos participantes relataram que o curso trouxe novas perspectivas de organização coletiva e de geração de renda por meio do turismo, resgatando um sentimento de pertencimento e de valorização da própria história.

A partir da análise das experiências vivenciadas, foi possível sistematizar alguns impactos observados durante a jornada formativa. Entre os principais efeitos identificados destacam-se: (1) o fortalecimento do diálogo intra e intercomunitário dentro do complexo de comunidades; (2) a ampliação do reconhecimento das potencialidades do território para o turismo comunitário; (3) o desenvolvimento de capacidades locais relacionadas à organização de experiências turísticas; e (4) o fortalecimento do pertencimento e da valorização da identidade quilombola. Esses resultados indicam que processos formativos baseados na educação popular podem contribuir para a mobilização comunitária em torno de projetos coletivos de desenvolvimento territorial.

Foi mencionado que, em anos anteriores, o turismo desempenhava um papel mais expressivo na região, gerando benefícios concretos para a comunidade. Com o passar do tempo, entretanto, as atividades turísticas foram se tornando pontuais e concentradas em festejos e celebrações específicas. Nesse contexto, o curso contribuiu para reabrir o debate sobre o turismo comunitário como uma alternativa para o fortalecimento econômico e cultural local.

Observou-se, ainda, que as comunidades do complexo envolvido apresentam um estágio avançado de organização e infraestrutura, com uma ampla rede de atrativos culturais, históricos e naturais já mapeados. O curso permitiu não apenas reconhecer esse potencial, mas contribuir ativamente a partir da sistematização de informações, da criação de materiais e da construção coletiva de roteiros turísticos. Estudos sobre turismo de base comunitária indicam que processos como este são fundamentais para que iniciativas turísticas estejam alinhadas às realidades e aos interesses das comunidades (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009; Irving, 2009).

➋ DESAFIOS ESTRUTURAIS E LIMITES DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Apesar dos avanços observados no processo formativo, também foram identificados desafios estruturais que influenciaram o

desenvolvimento das atividades. Entre os principais obstáculos encontrados no percurso, destaca-se a dificuldade com o uso de tecnologias digitais por parte de alguns participantes, comprometendo a fluidez e a participação nos encontros virtuais. Arruda e Gonçalves (2020) apontam que iniciativas dessa natureza em comunidades quilombolas frequentemente enfrentam obstáculos relacionados à infraestrutura, ao acesso a tecnologias e às condições socioeconômicas locais, fatores que podem impactar a continuidade e a sustentabilidade dessas propostas.

Essa barreira tecnológica também refletiu na baixa adesão ao AVA, limitando o acesso aos materiais pedagógicos complementares. Apesar dos esforços realizados, como a elaboração de tutoriais e o acompanhamento dos participantes no uso das plataformas, as dificuldades persistiram durante todo o curso.

Outro entrave significativo foi a ausência recorrente de energia elétrica nas comunidades, inviabilizando encontros virtuais. Ademais, a impossibilidade de realizar encontros presenciais semanais, conforme previsto inicialmente, reduziu esses momentos a apenas duas ocasiões. Essa realidade aponta que, apesar dos avanços institucionais no reconhecimento de direitos e na implementação de políticas públicas, muitos territórios quilombolas ainda enfrentam desafios significativos relacionados ao acesso a serviços básicos, infraestrutura e condições adequadas de conectividade (O'Dwyer, 2002; Arruti, 2006; Leite, 2008).

Considerando os benefícios, já citados, dos encontros presenciais, essa limitação representou uma restrição importante para o aproveitamento pleno da proposta pedagógica. Houve ainda, a substituição repentina de dois membros fundamentais da equipe executora: a mediadora cultural e a educadora popular, o que exigiu adaptações e reestruturações emergenciais por parte da equipe geral responsável. Apesar desses desafios, o curso manteve sua proposta e conseguiu desenvolver as atividades centrais previstas, alcançando taxa de conclusão de 90 %, com 27 concluintes. Além disso, como produtos concretos tivemos um plano de turismo construído, além de materiais audiovisuais de divulgação turística.

A experiência também apresentou caminhos para o aprimoramento de iniciativas semelhantes no futuro. Entre as recomendações, destaca-se a importância de ampliar a carga horária presencial e revisar a logística dos encontros virtuais em territórios com limitações estruturais de conectividade digital. Além disso, a persistência de obstáculos relacionados ao uso de ferramentas digitais indica a necessidade de estratégias mais robustas de acessibilidade tecnológica, como oficinas introdutórias presenciais sobre as plataformas, acompanhamento técnico contínuo e a disponibilização de materiais complementares impressos.

Embora marcado por desafios operacionais, o desenvolvimento do curso também reverberou significativamente no percurso formativo e/ou profissional da equipe executora, em especial, no papel de mediador cultural. O processo de execução do curso evidenciou a extensão universitária como um processo educativo, cultural e científico que promove a interação transformadora entre universidade e sociedade (FORPROEX, 2012). Nesse contexto, iniciativas como essa, contribuem para a construção compartilhada de conhecimentos e para o fortalecimento de trajetórias formativas, processos de autonomia social e desenvolvimento territorial (Gadotti, 2017; Demo, 2011).

A experiência de articular teoria e prática com os participantes, enfrentar desafios institucionais e tecnológicos e construir coletivamente roteiros e produtos turísticos autênticos amplia a percepção sobre o papel da universidade e da graduação interdisciplinar. Mais do que uma atuação extensionista, essa vivência na mediação cultural de um curso com uma comunidade quilombola ímpar pôde reforçar um compromisso com uma formação que promova autonomia e justiça social.

Por fim, reforça-se a importância de manter espaços contínuos de escuta e devolutiva com os cursistas ao longo de todo o processo formativo, permitindo ajustes metodológicos e pedagógicos a partir das necessidades e vivências das comunidades participantes. Tais estratégias contribuem para garantir não apenas a participação ativa dos sujeitos envolvidos, mas também a apropriação crítica dos conteúdos trabalhados, respeitando os saberes e modos de vida presentes nos territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A realização do curso de formação em Turismo de Base Comunitária representou uma ação de fortalecimento das comunidades envolvidas, ao promover o reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais, da memória coletiva e das potencialidades locais. A partir de uma metodologia participativa e dialógica, a formação possibilitou o aprofundamento de temáticas essenciais à organização comunitária, como identidade étnico-racial, economia solidária e sustentabilidade.

Apesar dos desafios estruturais enfrentados, o curso obteve bons índices de participação e engajamento. Os momentos presenciais, em especial, mostraram-se essenciais, reforçando a importância da construção coletiva como pilar fundamental da aprendizagem. A partir da construção de roteiros, do plano de turismo, e de produtos audiovisuais, os cursistas puderam não apenas refletir sobre seu território, mas vislumbrar possibilidades reais de organização e fortalecimento do turismo comunitário como estratégia de geração de renda e sustentabilidade local.

Conclui-se, portanto, que o curso cumpriu com seus objetivos, deixando como legado uma comunidade mais articulada, consciente de suas riquezas e com maior capacidade de planejar e executar ações voltadas ao turismo de base comunitária. Ressalta-se a importância da continuidade de iniciativas como esta, que reconhecem os territórios como espaços vivos de produção de conhecimento e de transformação social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARRUDA, Dyego de Oliveira; GONÇALVES, Juliano Pessanha. Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de turismo de base comunitária em um território quilombola. **Interações**, Campo Grande, v. 21, n. 1, p. 107–123, 2020.
- ARRUTI, José Maurício Andion. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.
- BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BOING, L. Entre a resistência e a mercantilização: uma análise crítica do turismo em comunidades quilombolas no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 507–519, 2025. DOI: <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2025.v18.19658>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro, 2011.
- FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.
- IRVING, M. DE A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108–122.
- LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 965–977, 2008.
- PEREIRA, A. DOS S.; MAGALHÃES, L.. A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e210788, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.210788>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002